



**QUANDO SE FALA** em design brasileiro, o nome que nos vem logo à cabeça é o de Sergio Rodrigues, primeiro artista verde e amarelo a conquistar prêmios internacionais nesta área. E isso em 1961, no IV Concurso internacional do Móvel em Cantu, na Itália, quando sua Poltrona Mole concorreu com 400 candidatos e abocanhou o prêmio principal. Mas antes disso o arquiteto e designer passou por várias etapas. “Morei um tempo em Curitiba e depois voltei para o Rio, quando então abri a Oca, no final dos anos 50, na Praça General Osório. Vendia móveis da Forma, de São Paulo e, aos poucos, fui introduzindo peças de minha autoria, praticamente artesanais, feitas em jacarandá, que era a madeira daquela época, mas o custo era muito alto”, conta ele, que no início fez a versão sofá de sua famosa poltrona. Aos poucos as pessoas começaram a se interessar. Niomar Muniz Sodré, dona do Correio da Manhã, foi das primeiras a comprar. Logo em seguida, Roberto Marinho, do Globo, Adolpho Bloch, da Manchete e o governador Carlos Lacerda também compraram. Depois desse pontapé inicial o sucesso veio a galope. A Oca, foi durante anos, uma referência carioca, a loja de decoração mais importante da cidade. Com o desligamento de Sergio da loja, por muitos anos seus móveis só foram produzidos artesanalmente, o que permitiu que muitas peças fossem falsificadas por gente inescrupulosa. “Foi um período de muita tristeza e decepção para mim. Hoje estou feliz, pois todo criador gosta de ver seu trabalho reconhecido e também por ter certeza que

contribuí, de certa forma, para o sucesso que o design brasileiro faz pelo mundo”, diz ele, acrescentando que a maioria dos modelos que levam a sua assinatura, são fabricados pela Linbrasil.

Ele acha um exagero ser considerado um ícone. “Pioneiros sempre existiram”, mas é exatamente o que o mercado acha desse mestre da madeira, que só não enveredou pela engenharia aeronáutica porque não gostava de matemática. “Levei pau na matéria e minha avó resolveu que eu tinha que conhecer um escritório de arquitetura. Acabei entrando para a carreira, porque não tinha matemática para passar”, confessa.

#### TALENTO DE PAI PARA FILHO

Dono de um traço cativante e cheio de humor, o designer era filho de Roberto Rodrigues, irmão do polêmico escritor Nelson Rodrigues, morto prematuramente em 1929, vítima de um tiro destinado ao avô, Mario, na redação do jornal A Crítica. Herdou o talento do pai para o desenho. Quando morou com a mãe e um tio-bisavô solteirão, o coronel James Andrew, que tinha como hobby fazer caixas para os relógios, misturando madeiras, ficou fascinado com todo o processo. O tio, sem habilidade manual, tinha sempre dois marceneiros para executar a operação. “Eu gostava de fazer baratinhas de corrida e percebi que, se fizesse o desenho antes, teria uma previsão do que gostaria de construir”. Já estava aí o embrião do que seria o futuro ícone do design brasileiro. Um detalhe interessante que vale a pena contar: na faculdade, Sergio interessou-se por uma matéria, “Composição Decorativa”. Como as aulas não eram o que ele esperava, matriculou-se num curso de “Decoração do lar”, onde dividiu carteiras com donas de casa até tornar-se assistente do professor, um hindu radicado no Rio, com quem fez sua primeira decoração – um hall de entrada para a família Lunardelli, de São Paulo.

Há cerca de uns 10 anos, Sergio Rodrigues foi “descoberto” novamente. Não só pelos comerciantes, mas também pelos consumidores e pela mídia do mundo inteiro. Quase todo mês alguma

# O mestre da madeira

por Suzete Aché · foto Aszmann

revista tem uma nota, uma foto ou uma entrevista com o designer. Sem contar com inúmeras palestras e eventos da área para os quais é convidado de honra. Ele tem uma teoria: “Com a procura de móveis vintage (das décadas de 20, 30, 40, 50, e 60), que começou na Inglaterra e se espalhou pelo mundo, os móveis de bom desenho dessa época começaram a ser avidamente procurados e vendidos a preços absurdos para museus, hotéis e residências particulares. Acredito que pelo prêmio recebido, como já era conhecido na Europa, e por meus móveis terem características próprias, o sucesso foi rápido”.

Sergio vê com bons olhos o caminho do design brasileiro. “Acho espetacular o salto que, no Brasil, tanto a criação quanto a produção deram em relação há 20 anos atrás. Não falta nada ao desenho nacional. Sobra criatividade”.

E qual a importância de trabalhar com madeira em uma era tecnológica? “Falo do meu caso em particular. Sempre tive uma ligação grande com a madeira, desde quando percebi a beleza dessa

matéria-prima natural e abundante no Brasil. As madeiras que utilizo são sempre ecológicas”, afirma ele. Os novos – e bons – designers sempre o entusiasma e os que também trabalham com a madeira, ainda mais. Dizer os nomes ele não diz, mas destaca cerca de 10 novos talentos. “Prefiro não citar nomes para não cometer alguma injustiça”. Já dentre suas peças, algumas ele destaca como preferidas. “Todas são minhas filhas queridas, é difícil escolher uma só,

porém posso citar a Poltrona Mole, a Diz, a Kilin, a Beto, a Oscar, a Lucio e a Katita que também, por serem industrializadas, são as mais vendidas”, confessa.

Mas que ninguém pense que o famoso Sergio Rodrigues dorme sobre os louros. Hoje, tem sua filha Valéria como braço direito, cuidando de vários projetos e, até o final do ano, vai lançar mais quatro modelos novos. “Agradeço a Deus o dom que me foi dado e espero ainda continuar criando e produzindo por mais alguns anos, já que os primeiros 83 foram muitos bons”. UJ

Espero ainda continuar criando e produzindo por mais alguns anos já que os primeiros 83 foram muitos bons.